

## A VISÃO DA EUCARISTIA NO PERÍODO PÓS-NICENO

---

*Prof. Dr. Pe. Vital Corbellini*<sup>1</sup>  
Professor da FATEO - PUCRS

### **Resumo**

Os Padres desse período eclesial e patrístico terão mais presente o Evangelho de João, capítulo seis, do que os relatos sinóticos e de São Paulo sobre a instituição da Eucaristia. Eles realçam a Eucaristia como o corpo e sangue do Senhor, alimento superior ao maná no deserto. Cristo Jesus é o enviado do Pai, o pão descido do céu, dado em alimento para todos. A sua recepção traz vida em abundância ao ser humano, ainda que o fiel deva um dia morrer. Quem comer do seu corpo e beber do seu sangue une-se a Cristo, neste mundo, para um dia gozar da eternidade. A Eucaristia impulsiona ao testemunho de vida, ao amor fraterno. Há uma profunda ligação dos acontecimentos da última ceia com os da cruz: a sua paixão, morte e ressurreição. A Eucaristia é a memória e a ressurreição de Cristo na história.

### **Abstract**

*This paper deals with the Eucharist, based on the Gospels, in the Patristic period. The Fathers of this time have emphasized Christ's body and blood as bread for all sent from heaven by God. Though we must die, the heavenly bread is a guarantee of immortality for the soul. At the same time, this bread impels us to the love for all the mankind without distinction, viewing Christ's resurrection.*

---

<sup>1</sup> Pe. Vital Corbellini, Diocese de Caxias do Sul – RS, Doutor em Teologia e Ciências Patrísticas, Professor na FATEO-RS.

## Introdução

O período que se iniciou com a *pax constantiniana* (313) e, um pouco mais tarde, com o Concílio de Nicéia (325) até ao Concílio de Calcedônia (451), é comumente chamado de “Idade de Ouro” na Patrologia patrística. Uma nova etapa da história da Igreja estava se iniciando, não só pela liberdade e paz que o Império concedera aos cristãos, mas também pela elaboração teológica, cristológica, eclesiológica e bíblica. Diversas são as justificativas para essa caracterização importante:

- a realização dos primeiros quatro Concílios da Igreja antiga e da patrologia: Nicéia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451);

- o debate teológico em alta na Igreja, com a participação popular e a definição conciliar da divindade do Filho e do Espírito Santo;

- o debate cristológico aprofundou a questão da unidade da pessoa de Cristo e as suas naturezas: divina e humana;

- houve elaboração de catequeses pré-batismais, mistagógicas, e o aprofundamento dos sacramentos da iniciação cristã pelo catecumenato;

- foi um período de grandes autores cristãos, Padres da Igreja, como os da Capadócia, Atanásio de Alexandria, João Crisóstomo, Ambrósio, Agostinho e os Papas Leão Magno e Gregório Magno, entre outros.

A Eucaristia mereceu uma atenção particular pelos Padres desses séculos, aprofundando mais, em relação aos Padres pré-nicenos, dados do mistério em si, o que é a Eucaristia, e a missão que ela acarreta ao cristão, quando a pessoa participa desse sacramento. No entanto, como pelos Padres do período pré-niceno, ela será vista como dom, graça, que o fiel recebe para atuar em uma vida de caridade junto aos seus: ao mesmo tempo, frisava-se a preparação à vida eterna. Cristo é o pão descido do céu, para o bem daqueles e daquelas que são dispostos a uma vida de paz,

concordia e amor. A seguir, daremos uma visão sobre os principais Padres da Igreja e da história da salvação, os quais marcaram as suas comunidades.

### **1 A Eucaristia como dom, missão, nesse período histórico e patrístico**

É fundamental perceber como o primeiro Concílio ecumênico e os Padres dessa etapa eclesial analisaram a Eucaristia como dom de Deus, através de seu Filho Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, a necessidade de vivê-la bem na cotidianidade da existência de cada fiel cristão.

O Concílio de Nicéia (325) foi o Concílio que marcou a doutrina cristã pela defesa da divindade do Verbo. Ele teve como ponto referencial o *homooúsios tô Patri* (“o consubstancial ao Pai”) – o Filho é da mesma substância do Pai. Ele foi gerado, não criado: (*gennéthénta ou poiéthénta*). Os Padres, ao condenarem o arianismo, doutrina que defendia a criaturalidade do Filho, queriam dizer que o Filho é Deus como o Pai é Deus. Ele não é do lado das criaturas, mas é do lado do Criador, assim como o Pai é Criador. O Concílio foi importante também do ponto de vista da disciplina, por exemplo daqueles que eram chamados de cátaros e desejavam entrar na comunidade eclesial, da consagração de um bispo, entre outras normas. Sobre a Eucaristia os Padres conciliares reforçaram a antiga norma de dar o indispensável viático para aqueles e aquelas que estão em perigo de morte<sup>2</sup>. Desde o início, percebe-se a preocupação da Igreja pelos moribundos, para que assim fossem assistidos através do santo viático.

Ambrósio de Milão (337/339-397) realçava a Eucaristia como pão espiritual para a vida de todos. Ele colocava a diferen-

---

<sup>2</sup> Cf. CONCILIORUM OECUMENICORUM DECRETA, can. XIII, a cura di G. ALBERIGO. Bologna: EDB, 1991.

ça entre o maná e o alimento superior, que é o Senhor e vem dele. Se aqueles, que se alimentaram no deserto, morreram, ao contrário, o alimento, que o Senhor Jesus é em substância, dá a vida eterna, e todo aquele que dele comer “jamais morrerá”, porque ele é o corpo de Cristo<sup>3</sup>. Ele faz uma distinção fundamental entre os dois alimentos, devido a sua proveniência: se aquele (o maná) vinha do céu, aquele de Cristo vem de acima do céu; se aquele esteve sujeito à corrupção, caso fosse guardado para o dia seguinte, este não sofre corrupção, porque, saboreando-o, a pessoa não experimentará a corrupção das coisas<sup>4</sup>. Para eles (os judeus), a água da rocha corria para matar a sede de uma forma momentânea; para os cristãos, o sangue de Cristo flui para a vida de todos e é dado para sempre. O fiel seguidor de Cristo deve buscar o alimento que permanece e não por aquele que passa; se aquele era figura, o pão que é Cristo é realidade<sup>5</sup>.

Ambrósio interpreta o capítulo seis de João, em relação à Eucaristia, onde Jesus afirma, para quem o recebe, que a sua carne é verdadeira comida, o seu sangue é verdadeira bebida (cf. *Jo* 6,56). Por isso, todo aquele que não come de sua carne e não bebe de seu sangue não terá a vida nele (cf. *Jo* 6,54)<sup>6</sup>. E quando o povo e os discípulos começaram a se afastar de Cristo, porque acharam as suas palavras muito duras, pelo fato de que ele daria a sua carne como comida e o seu sangue como bebida, Pedro disse: “Tu tens palavras de vida eterna” (*Jo* 6,69). O fiel não recebe o sacramento de uma forma simbólica, mas a presença real de Cristo. Por isso mesmo, ele exige a fé, ao recebê-lo, porque não se trata de um alimento qualquer, mas do Senhor que esteve no meio da humanidade.

---

<sup>3</sup> Cf. *Sobre os Mistérios*, 8,47. In AMBRÓSIO DE MILÃO. São Paulo: Paulus, 1996.

<sup>4</sup> Cf. *Idem*, 8,48.

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, 8,49.

<sup>6</sup> Cf. *Sobre os sacramentos*, VI, 2. In AMBRÓSIO DE MILÃO. São Paulo: Paulus, 1996.

Quando no Evangelho se fala do pão vivo descido do céu, a referência é dada ao Senhor Jesus Cristo, que possui em si, tanto a divindade como o Pai, como a humanidade. Dessa forma, o cristão participa de sua divindade, ao receber esse alimento salutar<sup>7</sup>. Ele fala também da transformação das espécies, quando o sacerdote pronuncia as palavras da consagração. Se, antes da bênção, essas eram simplesmente pão e vinho, depois da mesma (consagração), são o corpo e o sangue de Cristo. Por isso o fiel diz *Amém*, ao receber esse sacramento, cujo significado é verdadeiro<sup>8</sup>. A boca pronuncia as coisas reconhecidas pela mente: o íntimo vibra pela palavra exprimida<sup>9</sup>.

Ambrósio compôs uma poesia interessante para a ceia do Senhor. Ele convida as pessoas a cantar um hino ao Senhor, que, no patíbulo da cruz, redimiu a todos com o seu sangue. Ele liga a ceia à morte de Jesus Cristo na cruz. Na noite anterior, antes de sua entrega à morte, Jesus realizou a ceia, doando, no pão e no vinho, o seu corpo e sangue para a vida de todos<sup>10</sup>.

Assim Ambrósio aprofundou, na Eucaristia, a presença de Cristo que é o seu corpo, não se tratando só de um alimento corporal, mas, sobretudo, espiritual, para o fiel. Esse alimento fortalece o coração humano, e o seu sangue, bebida, alegra a sua vida.

Eusébio de Cesaréia (265-339/340) reforçou na Eucaristia o dado sobre Cristo como aquele que dá a vida, como ele a tem em si mesmo. Esta vida é fortalecida por todos aqueles que receberem o pão que é o Senhor: “Quem o comer terá a vida nele” (Jo 6,57-58). Esse autor falava do pão eucarístico e do sangue de Cristo em uma forma mística, quando o Senhor dizia aos judeus que, se eles não comessem a carne do Filho do Homem e não bebessem de seu sangue, eles não teriam a vida neles; ora, quem

---

<sup>7</sup> Cf. *Idem*, VI, 4.

<sup>8</sup> Cf. *Sobre os mistérios*, 9,54.

<sup>9</sup> Cf. *Idem*, 9,54.

<sup>10</sup> Cf. AMBROGIO, *Inni*, 8, a cura di M. SIMONETTI. Firenze: Nardini editore, 1988.

come a sua carne e bebe o seu sangue tem a vida eterna, e Cristo o ressuscitará no último dia (cf. *Jo* 6,53;55). Segundo Eusébio, o Senhor Jesus falava dessas coisas de uma maneira mística, espiritual, de modo que as suas palavras são carne e sangue e quem toma parte delas come de seu alimento celeste em vista da vida eterna<sup>11</sup>.

Cirilo de Jerusalém (315-387) tem presente a instituição da Eucaristia, ao interpretar *1Cor* 11,23-26. Ele fala das palavras de Cristo, as quais expressam as coisas que são ditas. Quando o sacerdote afirma sobre o pão “Isto é o meu corpo”, “Isto é o meu sangue”, quem poderá duvidar que aquelas espécies não são o corpo e o sangue de Cristo?”<sup>12</sup> As núpcias de Caná da Galiléia (cf. *Jo* 2,1-11) eram levadas em consideração, pelo fato de que lá aconteceu o primeiro milagre do Senhor, quando ele transformou a água em vinho. Aquela ação era um pré-anúncio da transubstanciação, onde as espécies do pão e do vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo<sup>13</sup>. Quando o fiel recebe o dom da Eucaristia, ele participa do corpo e ao sangue de Cristo<sup>14</sup>, porque, sob a espécie do pão, é dado o seu corpo e, sob a espécie do vinho, é dado o seu sangue. E o fiel torna-se um só corpo e um só sangue com ele, portador do Cristo, chegando a afirmar que nós podemos participar um dia da natureza divina (cf. *2Pd* 1,4)<sup>15</sup>.

Cirilo diz também que, quando Cristo afirmava aos judeus: “aquele que não comer da sua carne e não beber do seu sangue, não terá nele a vida” (*Jo* 6,54), aquelas palavras deveriam ser interpretadas em sentido espiritual. Muitos foram embora,

---

<sup>11</sup> Cf. EUSEBIO DI CESAREA, *Teologia ecclesiastica*, III, 12. Introduzione, Traduzione e Note a cura di F. MIGLIORE. Roma: Città Nuova Editrice, 1998.

<sup>12</sup> CIRILLO DI GERUSALEMME, *Le Catechesi*, XXII. Traduzione, Introduzione e Note a cura di C. RIGGI. Roma: Città Nuova Editrice, 1993.

<sup>13</sup> Cf. *Idem*, XXII.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*, XXII.

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem*, XXII.

quem sabe, por uma compreensão daquelas palavras de Cristo em sentido de antropofagia<sup>16</sup>. O catequista de Jerusalém convida, pelas catequeses mistagógicas dadas na semana seguinte à Páscoa do Senhor, os neófitos para não verem só, no pão e no vinho, simples e naturais alimentos, pois o Senhor disse aos seus discípulos tratar-se do seu corpo e do seu sangue. A fé o assegura, ainda que os sentidos sugiram outra coisa. Não se deve reter tais coisas pelo gosto, mas pela fé, com plena certeza de que Cristo faz-se digno para todos pelo seu corpo e sangue.

Ele diz também que as palavras do rei Davi, em relação ao *Sl* 23,5, “como é delicioso o teu cálice que em mim transborda”, essas palavras referem-se ao cálice que Jesus tomou na última ceia, em suas mãos, dizendo: “Este é o meu sangue, derramado por muitos para a remissão dos pecados” (*Mt* 26,28)<sup>17</sup>. Também Salomão prefigurava preceitos de vida eucarística, quando dizia: vai e come com alegria o teu pão e bebe com o coração alegre o teu vinho (cf. *Ecl* 9,7). Ele fazia isso certamente como uma alusão ao pão e ao vinho espirituais<sup>18</sup>. Cirilo frisa ao fiel a necessidade da fé diante das espécies consagradas: “Aquilo que parece pão, ainda que tenha o mesmo sabor, não é mais pão, mas o corpo de Cristo; aquilo que parece vinho, ainda que o gosto diga o contrário, não é mais vinho, mas o sangue de Cristo”<sup>19</sup>. Faz-se mister uma atitude de fé, quando o fiel se aproxima para receber esse pão que revigora a alma<sup>20</sup>. Ele coloca a forma como o neófito recebe a Eucaristia: o pão espiritual não deve ser dado pelas duas mãos juntas, mas a esquerda faça um trono à direita que deve acolher o Rei, recebendo o corpo de Cristo na sua vida, dizendo com fé: *Amém*. Cirilo também tem presente uma prática da Igreja antiga e de Jerusalém: a participação de todos no cálice,

---

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, XXII.

<sup>17</sup> *Ibidem*, XXII.

<sup>18</sup> Cf. *Ibidem*, XXII.

<sup>19</sup> *Ibidem*, XXII.

<sup>20</sup> Cf. *Ibidem*, XXII.

o sangue de Cristo. Assim o fiel cristão deve agradecer a Deus, por participar de tão sublime mistério<sup>21</sup>. Cirilo, ao afirmar a encarnação do Verbo, diz que Cristo se fez pão celeste descido do céu, para fazer-se alimento para nós em tudo<sup>22</sup>. Ele realçou a epiclese, a invocação do Espírito Santo sobre as espécies do pão e do vinho, para que se tornem o corpo e o sangue de Cristo<sup>23</sup>.

Atanásio de Alexandria (295-373), ao escrever a vida de Antão, dizia que ele se alimentava com os irmãos: às vezes, sentia vergonha de tais coisas, mas ele aproveitava a ocasião para proferir palavras úteis. Ele não deixava de falar para os outros sobre a parte espiritual da alma, o alimento celeste, a Eucaristia<sup>24</sup>.

Basílio de Cesaréia (330-379) fala da epiclese, a invocação ao Pai, a fim de que envie o Espírito Santo sobre as espécies do pão e do vinho para transformá-los no corpo e sangue de Cristo<sup>25</sup>. Ele tem presentes dois relatos da instituição da Eucaristia (*Mt* 26,26-28 e *1Cor* 11,23-26), afirmando que as palavras de Cristo, em relação ao comer o seu corpo e beber o seu sangue, fazem memória daquele que morreu e ressuscitou dos mortos, e assim aprendemos a observar o ensinamento que transmitiu o apóstolo: ele morreu por todos, e aqueles, que vivem, não vivem mais para si mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles (cf. *2 Cor* 5,15)<sup>26</sup>. Nas Regras Morais, escritas para os seus monges, ele insistia na comunhão eucarística, necessária pa-

---

<sup>21</sup> Cf. *Ibidem*, XXIII.

<sup>22</sup> *Ibidem*, XII.

<sup>23</sup> Cf. *Ibidem*, XXI.

<sup>24</sup> Cf. *Vida e Conduta de Santo Antão*, II, 45. In SANTO ATANÁSIO, São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>25</sup> Cf. BASILIO DI CESAREA, *Lo Spirito Santo*, XXVII, 66. Traduzione, Introduzione e Note a cura di G. A. BERNARDELLI. Roma: Città Nuova Editrice, 1998.

<sup>26</sup> Cf. *Il Battesimo*, I-3 In OPERE ASCETICHE DI BASILIO DI CESAREA, a cura di U. NERI e Traduzione di M. B. ARTIOLI. Torino: UTET, 1980.



ra a vida eterna. Ele colocava o motivo da participação no corpo e no sangue de Cristo, em vista da memória do Senhor, para assim permanecer unido com ele, de modo que a vida e a morte da pessoa estejam em união com Cristo, que morreu e ressuscitou por todos (cf. *2 Cor 5,15*)<sup>27</sup>.

Gregório de Nazianzo (330-390) afirma a Eucaristia como o pão de vida descido do céu (cf. *Jo 6,41*). Ele realça os últimos acontecimentos da vida do Senhor, a santa ceia, a páscoa nova com pão e vinho. Ele a chama de grande banquete onde aconteceu a doação de Cristo para a salvação do ser humano. Ele não deixa de frisar o lava-pés aos discípulos (cf. *Jo 13,4-10*), onde ele assevera que a missão de Cristo foi servir às pessoas em todo lugar; os discípulos deverão fazer o mesmo. Após a saída de Judas Iscariotes, Jesus pede ao Pai para que o glorifique com a glória que ele tinha sempre junto dele (cf. *Jo 13,31-32*), que era, para Gregório, a sua morte redentora, porque ele venceria a morte pela sua morte na cruz. Por isso a última ceia e a sua morte eram, para esse autor, acontecimentos redentores, dados por amor à humanidade<sup>28</sup>.

Para Gregório de Nissa (335-394), o corpo e o sangue de Cristo santificam a vida do seguidor do Senhor. Ele fala de uma nutrição capaz de unificar a desagregação no ser humano, causada pelo pecado. Aquele corpo, uma vez introduzido no nosso, transforma-o inteiramente na própria substância<sup>29</sup>. Ele tem presente também que cada espécie de animal nutre-se com alguma coisa, em vista da continuidade da sua vida. Alguns animais se nutrem de raízes escavadas na terra; outros de ervas pelos cam-

---

<sup>27</sup> Cf. *Morali*, XXI, 1-3, *Idem*.

<sup>28</sup> Cf. GREGORIO NAZIANZENO, *La passione di Cristo*, p. 45. Traduzione, Introduzione e Note a cura di F. TRISOGLIO. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

<sup>29</sup> Cf. GREGORIO DI NISSA, *La Grande Catechesi*, XXXVII, 3. Traduzione, Introduzione e Note a cura di M. NALDINI. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

pos; outros ainda de carne. O homem, no entanto, nutre-se de pão. Ora, há um alimento para a vida espiritual e, uma vez dentro da pessoa, torna-se seu corpo e seu sangue, mediante a assimilação<sup>30</sup>. Gregório fala que o corpo de Cristo, uma vez dado à pessoa, impulsiona a realizar muitas coisas em favor do bem aos outros e no mundo. Ele formou unidade em nós pela encarnação, revigorando a natureza humana, dando-lhe uma consistência permanente, assim como o pão celeste é dado aos seus fiéis. A fé é exigida pelo fiel que o recebe, tratando-se do pão santificado pelo Verbo de Deus que se transformou no corpo do Verbo divino. Compreende-se, dessa forma, que a Eucaristia é o prolongamento da encarnação do Verbo<sup>31</sup>. O elemento úmido está presente no corpo humano. O vinho transformado no sangue de Cristo, uma vez entrado no seu seguidor, faz-se sangue em virtude da faculdade da assimilação<sup>32</sup>. O ser humano, unido com o pão espiritual, participa da incorruptibilidade, vocação de todo o ser humano, chamado à vida com Deus<sup>33</sup>.

Egéria (século IV) descreve a ação realizada aos domingos pelos cristãos na terra santa: no primeiro dia da semana, o povo, o bispo, os sacerdotes, os diáconos, encontravam-se na basílica, junto com os apóstolos, para a celebração da Palavra e da Eucaristia<sup>34</sup>. O povo lembrava a ressurreição do Senhor e a memória dele, através do pão e do vinho.

Hilário de Poitiers (+ 367) fala da dignidade para participar da Eucaristia. Ele tem presente a realização da Páscoa do Senhor. Ainda que em Mateus não se fale da ausência de Judas, o traidor, ele diz que a última ceia o Senhor a realizou em sua au-

---

<sup>30</sup> Cf. *Idem*, XXXVII, 7.

<sup>31</sup> *Ibidem*, XXXVII, 9.

<sup>32</sup> Cf. *Ibidem*, XXXVII, 11.

<sup>33</sup> Cf. *Ibidem*, XXXVII, 12.

<sup>34</sup> Cf. *La Liturgia di Gerusalemme*, 8-12. In EGERIA, *Pellegrinaggio in terra santa*. Traduzione, Introduzione e Note a cura di P. SINISCALCO e L. SCARAMPI. Roma: Città Nuova Editrice, 1992.

sência, porque ele não era digno de participar dos mistérios eternos. O fato é que Judas se afastou logo da última ceia, já que ele voltou com uma grande multidão para prender Jesus (cf. *Mt* 26,47). Ele não podia beber com o Senhor, unido a ele, no momento em que Cristo prometia que todos aqueles, que beberiam do cálice o fruto da videira, naquela sala, teriam de bebê-lo no Reino (cf. *Mt* 26,30). O sofrimento de Cristo na paixão e cruz possui uma ligação com a última ceia, porque ele tinha consagrado o sangue de seu corpo que seria derramado para a remissão dos pecados (cf. *Mt* 26,28)<sup>35</sup>.

Paulino de Nola (355-431) fala da unidade da Eucaristia, porque Cristo é único: uma só coisa é o cálice do Senhor, um só é o alimento, uma só é a casa de Deus<sup>36</sup>. O fiel deve alimentar-se com o pão dos anjos e com a bebida que torna a pessoa sóbria, porque nasce da fonte do Espírito Santo. Ele fala que o bispo presida a Eucaristia, como dom de Cristo: ele se une aos sagrados mistérios com a lavagem purificadora<sup>37</sup>.

Optato de Mileve (século IV) criticou os donatistas, por realizaram obras funestas, más. Na realidade, eles queriam ser a verdadeira Igreja do norte africano. Constituída por Donato, na primeira metade do século IV, essa comunidade eclesial era mais uma fraternidade, um grupo de pessoas com uma hierarquia, desejosos do martírio, mas não admitiam ministros pecadores nela. Esse autor conta um detalhe importante: os seus dirigentes tentaram profanar os mistérios sagrados, eucarísticos. Mandaram lançar a Eucaristia aos cães, mas estes, cheios de raiva, avançaram sobre os seus dirigentes, como se fossem malfeitores e culpáveis, porque profanaram o corpo de Cristo. Eles os atingiram com os

---

<sup>35</sup> Cf. ILARIO DI POITIERS, *Commentario a Matteo*, XXXI, 7. Traduzione, Introduzione e Note a cura di L. LONGOBARDO. Roma: Città Nuova Editrice, 1988.

<sup>36</sup> Cf. PAOLINO DI NOLA, *I carmi*, XXVII,570. Introduzione, Traduzione, Note e Indici a cura di A. RUGGIERO. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

<sup>37</sup> Cf. *Idem*, XXVIII, 185.

seus dentes vingadores, como se fossem pessoas desconhecidas e inimigos seus<sup>38</sup>. O que há mais iníquo do que lançar a Eucaristia aos animais? Não se pode jogar pérolas aos porcos (cf. *Mt* 7,6), dizia Cristo, porque eles podem revoltar-se contra as pessoas. Para esse autor, os donatistas não poderiam viver o dom da felicidade, porque colocavam os seus interesses e as suas pessoas no lugar de Deus<sup>39</sup>.

João Crisóstomo (345/349/354-407), também chamado *Doctor Eucharistiae*, tem presente o mistério eucarístico. Sendo celebrado na Páscoa, não é por nada maior que a semana santa: é o único e mesmo mistério, como também a graça do Espírito Santo<sup>40</sup>. Ele é comemorado em todas solenidades: “Todas as vezes que comeis deste pão e bebeis deste cálice, anunciamos a morte do Senhor” (*ICor* 11,26). Por isso a pessoa deve aproximar-se da Eucaristia com ânimo puro, para receber, com dignidade, o Senhor<sup>41</sup>.

João Crisóstomo exorta a todos aqueles e aquelas que receberam o Batismo para levarem uma digna conforme a palavra do Senhor. Esse sacramento os fez criaturas novas, de modo a deixar o passado, com os vícios e os erros, para uma vida de virtude e no caminho da verdade. Agora são convidados a participar dos banquetes espirituais, a Eucaristia, para ganharem forças em vista da fidelidade ao amor do Senhor concedido a eles e da superação das maquinações do mal<sup>42</sup>.

---

<sup>38</sup> Cf. OTTATO DI MILEVI, *La Vera chiesa*, II,19. Introduzione, Traduzione e Note a cura di L. DATTRINO. Roma: Città Nuova Editrice, 1988.

<sup>39</sup> Cf. *Idem*, II,21.

<sup>40</sup> Cf. GIOVANNI CRISOSTOMO, *Commento alla prima lettera a Timoteo*, V, 2. Traduzione, Introduzione e Note a cura di G. DI NOLA. Roma: Città Nuova Editrice, 1995.

<sup>41</sup> *Idem*, V,2.

<sup>42</sup> Cf. Cf. GIOVANNI CRISOSTOMO, *Le catechesi battesimali*, VIII, 32. Traduzione, Introduzione e Note a cura di A. C. GASTALDO. Roma: Città Nuova Editrice, 1989.

Jerônimo (347-419), ao comentar o *Sl* 41, voltando-se àqueles que seriam batizados na vigília da Páscoa, falava da alma que tem sede de Deus, assim como todos aqueles que receberiam o Batismo. Eles também deviam apresentar-se diante do altar, face a face para receber o sacramento do Salvador, a Eucaristia, o corpo e o sangue do Senhor, porque se trata de sua carne e de seu sangue<sup>43</sup>.

Agostinho de Hipona (354-430) realçou o sacramento da Eucaristia como o corpo e o sangue do Senhor<sup>44</sup>. Ele o distingue do maná, percebendo-o superior, porque ele dura para a vida eterna, enquanto aquele perecia e não passava de um dia. Se aqueles que estavam no deserto, comeram o maná e morreram, “quem come deste pão viverá eternamente” (*Jo* 6,59). Aqueles foram mortos, não no sentido de que não conseguiram a vida eterna, mas pelo fato de que eles só acreditaram naquilo que viram<sup>45</sup>; porém, quem come de Cristo, ainda que morra pela morte temporal, ele viverá eternamente, porque Cristo é a vida eterna (*quia Christus est vita aeterna*)<sup>46</sup>. Portanto, não foi Moisés quem deu o pão, mas é Deus quem dá o pão verdadeiro do qual o maná era um sinal, sendo esse o mesmo Senhor Jesus<sup>47</sup>.

O fiel não terá vida, se não comer do pão e do sangue que o Cristo dá. Ainda que ele possa ter a vida temporal, ele não terá a vida eterna. No entanto, quem come e bebe de seu sangue terá a vida eterna<sup>48</sup>. O corpo e o sangue de Cristo dão o intuito à pes-

---

<sup>43</sup> Cf. GIROLAMO, *Omèlie sui Vangeli: Commento al Salmo 41*. Traduzione, Introduzione e Note a cura di S. COLA. Roma: Città Nuova Editrice, Roma, 1990.

<sup>44</sup> Cf. SANT'AGOSTINO, *Commento al Vangelo e alla prima epistola di San Giovanni*, 62,3, XXIV, 2. Roma: Città Nuova Editrice, 1968.

<sup>45</sup> Cf. SANT'AGOSTINO, *Commento al Vangelo di San Giovanni*, 26,11, XXIV,1. Roma: Città Nuova Editrice, 1968.

<sup>46</sup> *Idem*, 26,20.

<sup>47</sup> Cf. *Ibidem*, 25,13.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, 26,15.

soa, para participar um dia da vida que não passa. “Ora, quem não a come, não tem a vida, mas quem a come tem a vida e a vida eterna”<sup>49</sup>. Para Agostinho, esse sacramento é dado na comunidade-igreja. Ele é celebrado sobre a mesa do Senhor; em alguns lugares, todos os dias; em outros, com alguns dias de intervalo, e as pessoas o recebem para a vida; outras pessoas, no momento da morte; no entanto, esse sacramento procura todos aqueles que participam da vida, nunca da morte<sup>50</sup>.

As coisas procuradas pelos homens, através de um alimento e bebida que possam saciar a fome e a sede, não o encontram plenamente senão neste alimento e nesta bebida que tornam imortais e incorruptíveis todos aqueles e aquelas que o recebem apontando à comunidade dos santos, onde haverá a paz e a unidade plena e perfeita. Esse sacramento é compreendido na unidade, da mesma forma como o pão é feito com muitos grãos de trigo esmagados, assim também o vinho com muitos grãos de uva espremidos<sup>51</sup>. Agostinho fala também do alcance para a pessoa que come a carne e bebe o sangue de Cristo: a permanência dele e vice-versa: “Comer este pão e beber esta bebida quer dizer permanecer em Cristo e ter sempre Cristo em nós”<sup>52</sup>. Assim nós nos tornamos melhores, comungando o corpo e o sangue de Cristo, porque participamos da vida dele. Nós vivemos por meio dele, comendo-o, para assim receber dele a vida eterna que nós não temos. Quem o come vive por ele, carregando dentro de si a esperança de que Cristo é o mediador, porque em contato com ele o fiel será elevado junto do Pai<sup>53</sup>. Ora, Agostinho não deixou de ressaltar o testemunho de vida do fiel, quando ele se aproxima do altar: “Procurai, pois, ó irmãos, comer o pão celeste espiritual-

---

<sup>49</sup> *Ibidem*, 26, 15.

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*, 26,15.

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*, 26,17.

<sup>52</sup> *Ibidem*, 26,18.

<sup>53</sup> Cf. *Ibidem*, 26,19.

mente e levari ao altar a inocência”<sup>54</sup>. Agostinho afirmava a necessidade de uma vida conforme à Eucaristia: unidade e testemunho junto aos outros, porque, como diz o apóstolo, pode-se comer e beber a sua condenação através desse pão sagrado (cf. *1Cor* 11,29). O fato é que não é o maná ou o pão de Cristo que são maus, mas as pessoas o podem receber com ânimo mau, não estando em união com Cristo e com o próximo<sup>55</sup>.

Agostinho, mais que outros Padres, aprofundou a relação maná e Eucaristia. Se o primeiro (o maná) descia do céu, ele era apenas uma sombra (*umbra est*) do segundo pão, o verdadeiro. Cristo é a mesma verdade (*Iste veritas est*). Mas, como se deve compreender o pão, a comida de Cristo? Agostinho chama carne aquele pão que a carne não pode compreender pela razão<sup>56</sup>. Dessa forma, a Eucaristia deve ser recebida no espírito de Cristo, isto é, através de seu corpo. Por isso mesmo, ela é o mistério de amor (*sacramentum pietatis*), símbolo de unidade (*signum unitatis*), vínculo de caridade (*vinculum caritatis*). “Quem quer viver, aproxime-se, acredite, entre e faça parte do corpo e será vivificado”<sup>57</sup>.

A Eucaristia é descrita como a força dos mártires, tendo presente a afirmação de Jesus: “Ele permanece em mim e eu nele” (*Jo* 6,57). Agostinho descreve o martírio de Lourenço, que foi torturado com fogo e condenado a morrer mais lentamente. Diante dos tormentos, Agostinho levantava uma pergunta: haveria algo que o fizera assim tão sereno e forte? Momentos antes ele comera e bebera do banquete eucarístico, de modo que foi saciado daquele alimento e embebido daquele cálice, não sentindo assim os tormentos. Enquanto a carne ardia, o Espírito vivificava a alma<sup>58</sup>.

---

<sup>54</sup> *Ibidem*, 26,1.

<sup>55</sup> Cf. *Ibidem*, 26,11.

<sup>56</sup> Cf. *Ibidem*, 26,13.

<sup>57</sup> *Ibidem*, 26,13.

<sup>58</sup> Cf. *Ibidem*, 27,12.

Pela Eucaristia, aprende-se algo fundamental: dar a vida pelos irmãos, da mesma forma como Cristo a deu por nós. Os mártires aprenderam essa lição, proveniente da Eucaristia; dar a vida por Cristo e pela Igreja, se nós não quisermos nos aproximar em vão da mesa do Senhor. A lição que se deve assumir, pela qual o cristão é chamado a viver, é a doação de sua vida por Cristo como ele fez por nós<sup>59</sup>. Agostinho não deixa de ressaltar que a Eucaristia leva ao testemunho de vida. A pessoa deve ter boas intenções, para, depois, atuar bem junto dos seus, sendo uma pessoa que ama e ajuda os outros. Assim, quem se aproxima da mesa do Senhor deve saber distinguir que tal alimento é diferente de outros alimentos, porque a Eucaristia é dom, graça: “é dom que se recebe”<sup>60</sup>. Cristo é o pão vivo descido do céu, para a salvação de todos.

## **2 Visão da Eucaristia nos Padres dos séculos seguintes**

Dados importantes encontram-se em Cirilo de Alexandria (370/380-444). Ele interpretou diversas passagens do capítulo seis de João. Uma primeira é aquela do Senhor Jesus que diz: “Quem vai a ele não terá fome, e quem crê nele não terá mais sede” (*Jo* 6,35). Ele tem presente o discurso de Jesus contra os judeus, no qual o alimento prometido pelo Senhor é dito superior ao maná no deserto, dado por Moisés, porque quem o comia sentia ainda fome. Ora, Jesus promete aos seus discípulos um alimento superior, capaz de saciar a fome de qualquer pessoa humana. Ele promete a Eucaristia que consiste na participação da carne e do sangue que torna todo o ser humano incorruptível<sup>61</sup>,

---

<sup>59</sup> Cf. SANT’AGOSTINO, *Commento al Vangelo e alla prima epistola di San Giovanni*, 84,1.

<sup>60</sup> *Idem*, 84,1.

<sup>61</sup> Cf. CIRILLO DI ALESSANDRIA, *Commento al Vangelo di Giovanni/1, III, VI, 35*. Traduzione, Introduzione e Note di L. LEONE. Roma: Città Nuova Editrice, 1994.



ainda que um dia a pessoa tenha que morrer para o corpo. O corpo de Cristo vivifica aqueles nos quais ele se faz presente e os conserva para a incorruptibilidade, unindo-se aos nossos corpos<sup>62</sup>. Para Cirilo, não se trata de qualquer corpo que se recebe, mas daquele que tem a vida por natureza, que possui em si todo o poder do Verbo unido ao Pai e é conservado no seu ser íntimo<sup>63</sup>. Para isso, ele critica aqueles que deixam de freqüentar a Eucaristia, não podendo unir-se a ele misticamente e podendo excluir-se da vida eterna, porque se recusam a receber a verdadeira vida. No entanto, quem recebe o pão celeste, que é Cristo, nutre-se para a vida eterna, mediante a participação da sua carne, que faz-nos participantes de Deus e nos liberta da morte devido à antiga maldição<sup>64</sup>. Uma comparação é realizada pelo pão material e aquele eucarístico, diante da afirmação dos judeus de que foi Moisés quem deu aos pais o maná para comer, no deserto. O Senhor Jesus respondeu que é o Pai quem deu o pão para eles, vindo do céu. E como o Filho estava junto do Pai, ele mesmo é, por natureza, vida, e por isso ele também a concedeu. Como o pão da terra sustenta a debilidade de nossa carne, não permitindo a sua corrupção, assim também o pão espiritual vivifica o nosso espírito, conservando o nosso corpo para não sofrer a corrupção<sup>65</sup>. A todos eles Jesus demonstrou que o “verdadeiro maná é o mesmo Cristo que vem proposto por Deus Pai aos antigos sob a figura do maná”<sup>66</sup>. Interpretando as palavras do Senhor, que falava aos judeus de “comer a sua carne e de beber do seu sangue, caso contrário, não teriam neles a vida” (Jo 6,54), Jesus falava do mistério que era ele mesmo, como pão vivo do Pai. Demonstra que vantagem teria todo o fiel, segundo Cirilo, comer para assim

---

<sup>62</sup> Cf. *Idem*, III, VI,35.

<sup>63</sup> *Ibidem*, III, VI,35.

<sup>64</sup> Cf. *Ibidem*, III, VI, 34.

<sup>65</sup> Cf. *Ibidem*, III, VI, 32.

<sup>66</sup> *Ibidem*, III, VI, 32.

convencê-los a gozar da eternidade<sup>67</sup>. No entanto, era preciso ter fé, já que, para os apóstolos, aqueles que tinham um pouco de fé, disse: “Tomai e comei; tomai e bebei” (Mt 26, 26-27). Ele, sendo gerado pelo Pai, é vida por natureza, quando ele fala que seu corpo é pão, trata-se de uma coisa só com o Senhor<sup>68</sup>.

Na realidade, a carne de Cristo é vivificante, ela é vida por natureza e, quando nós a recebemos para saboreá-la, teremos em nós a vida, uma vez que o corpo é mortal; a pessoa se sentirá mais eficaz pela Eucaristia vivificante, quando a come e a recebe dentro dela. Ela (a carne de Cristo) nos transformará em tudo aquilo que é o seu bem, isto é, na imortalidade, quando participamos de sua vida<sup>69</sup>. Na interpretação do texto joanino “a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida” (Jo 6,56), o Bispo de Alexandria falava da diferença do pão eucarístico com o maná, dizendo-lhe que eles (os judeus) não deveriam admirar mais o maná, mas considerá-lo como o pão do céu e doador da vida eterna<sup>70</sup>. Se aqueles, que comeram o maná, morreram, porque era um alimento que durava por um breve espaço de tempo, em vista da necessidade do corpo, após ter tirado a fome, era alguma coisa sabida, porque havia a necessidade de comer novamente e não dava a vida eterna. Assim, aquele pão não era um alimento verdadeiro, em vista de algo permanente: no entanto, o santo corpo de Cristo nutre para a imortalidade e a vida eterna, sendo verdadeiro alimento. Da mesma forma, o seu sangue é verdadeira bebida: no deserto também houve a água que jorrava da rocha. Se aquelas pessoas morreram, porque aquilo não era verdadeira bebida, este (o precioso sangue de Cristo) arranca pela raiz toda a corrupção e elimina a morte que habita a carne humana. Dessa forma, nós somos chamados corpo e mem-

---

<sup>67</sup> Cf. *Ibidem*, IV, II, 53.

<sup>68</sup> Cf. *Ibidem*, IV, II, 53.

<sup>69</sup> Cf. *Ibidem*, IV, II, 54.

<sup>70</sup> Cf. *Ibidem*, IV, II, 55.

bros de Cristo, porque, pela Eucaristia, recebemos em nós o mesmo Filho de Deus que habitou nesta terra<sup>71</sup>.

A Eucaristia une a pessoa a Cristo e Cristo a ela, pelo fato de que quem comer a sua carne e beber o seu sangue permanece nele, e ele nele. Trata-se de uma só coisa com o Senhor, misturado nas espécies pela sua presença: “Assim como um pouco de fermento faz fermentar toda a massa, assim uma pequena porção de pão eucarístico mistura em si todo o nosso corpo e o enche da sua energia: Cristo permanece em nós e nós nele”<sup>72</sup>. Por isso Cirilo faz um convite aos seus fiéis, para participarem da Eucaristia, uma vez que nós recebemos aquele que dá a imortalidade. Ao mesmo tempo, a Eucaristia alude ao testemunho de vida reta e honesta junto ao próximo e à comunidade. A Eucaristia tem a força de expulsar de nós, não só as próprias debilidades, mas a própria morte. Ao habitar Cristo em nós, somos estimulados na piedade para Deus, a realização da mortificação das tentações, e temos a cura de nossas doenças. Ele, como o bom pastor, dá a vida pelas suas ovelhas<sup>73</sup>.

Esse autor reconhece a fragilidade do corpo humano, de modo que não pode ser vivificado senão por aquele que, por sua natureza, é vida, isto é, o Unigênito<sup>74</sup>. Cirilo, analisando Jo 19,32-37, percebe o acontecimento da lança do soldado que perfurou o corpo de Jesus do lado direito ao esquerdo, porque os soldados duvidavam que o Senhor estivesse morto e logo em seguida saiu sangue misturado com água; aquelas coisas eram uma figura mística da Eucaristia e do Batismo<sup>75</sup>. Ele tinha presente a consciência que o fiel deve ter na recepção da Eucaristia. Dessa

---

<sup>71</sup> Cf. *Ibidem*, IV, II, 56.

<sup>72</sup> *Ibidem*, IV, II, 57.

<sup>73</sup> Cf. *Ibidem*, IV, II, 57.

<sup>74</sup> Cf. CIRILLO DI ALESSANDRIA, *Commento al Vangelo di Giovanni/3, X, II*. Traduzione, Introduzione e Note di L. LEONE. Roma: Città Nuova Editrice, 1994.

<sup>75</sup> Cf. *Idem*, XII.

forma, não era por nada que os ministros dos mistérios divinos diziam, instantes antes da Eucaristia: “As coisas santas aos santos”, ensinando que à participação da Eucaristia são convidados aqueles e aquelas que foram santificados no Espírito<sup>76</sup>.

O oitavo dia do qual há a referência em *Jo* 20,26-27, em que Cristo apareceu a Tomé e este fez a sua profissão de fé ao Senhor, era o primeiro dia da semana, o dia da ressurreição de Cristo. Cirilo diz que Cristo está na comunidade, quando esta celebra a Eucaristia, de uma forma invisível e, ao mesmo tempo, visível. Invisível como Deus e visível com o seu corpo. Ele dá a sua santa carne para nós: “Aproximemo-nos da mística Eucaristia, tomando Cristo nas nossas mãos, para que também nós acreditemos firmemente que ele ressuscitou verdadeiramente o seu templo”<sup>77</sup>. A Eucaristia está ligada à ressurreição de Cristo; ela, de qualquer modo, a atesta, pelo fato de que, após ter partido o pão aos seus discípulos e tê-lo distribuído, disse: “Fazei isto em memória de mim” (*Lc* 22,19). Dessa forma, a participação nos santos mistérios é uma confissão e uma memória de que o Senhor morreu e ressuscitou por nós e a nosso favor, de modo que nós somos enriquecidos de sua presença e da divina bênção<sup>78</sup>.

Cirilo criticou a cristologia de Nestório, por este considerar Cristo um homem comum e dividir a sua pessoa em dois Cristos. Ele afirmava a ressurreição do Senhor dos mortos, a celebração incruenta do sacrifício de Cristo, tornando-se participante da sua santa carne e do seu precioso sangue. Nós não recebemos uma carne comum, nem de um homem santificado e unido ao Verbo ou de um possesso de uma divina inabituação, mas a carne vivificante e própria do Verbo<sup>79</sup>. Ele é por natureza Deus,

---

<sup>76</sup> Cf. *Ibidem*, XII.

<sup>77</sup> *Ibidem*, XII.

<sup>78</sup> *Ibidem*, XII.

<sup>79</sup> Cf. CIRILLO DI ALESSANDRIA, *Epistole cristologiche. Terza lettera a Nestorio*, 6-8. Introduzione, Traduzione e Note a cura di G. Lo Castro. Roma: Città Nuova Editrice, 1999.

tornando-se pela encarnação um de nós com a sua própria carne. Por isso mesmo, ele disse: “Se não comeis a carne do Filho do Homem e não bebeis o seu sangue, não tereis em vós a vida” (*Jo* 6,53)<sup>80</sup>. Cirilo chama de santas as realidades do corpo e do sangue de Cristo, que vivificam o ser humano. Contra Nestório ele afirmava que o corpo do Senhor não é o de um homem qualquer, que participa da vida, mas é próprio daquele que é a vida, o Unigênito de Deus<sup>81</sup>. Uma crítica tem presentes os monges, sobretudo os messalianos, os quais afirmavam que o místico sacramento perdia a sua eficácia, se uma parte permanecia para o dia seguinte, como o maná no deserto. Cirilo chamava-os de insensatos, porque Cristo está presente no pão consagrado. O seu corpo não sofre mudanças, caso o pão consagrado fique guardado; o poder do sacramento e a sua geração vivificante estão constantemente presentes nele<sup>82</sup>.

Teodoreto de Ciro (393-466), na sua obra, relata a heresia dos messalianos, “euchiti”, cujo significado é homens de oração. Eles acolhiam a atividade de um espírito mau e retinham uma presença do Espírito Santo. Eles se abstinham do trabalho manual como se ele fosse funesto<sup>83</sup>. Eles formavam um grupo à parte, ainda que dissessem estar em comunhão com a Igreja. Para eles, era indiferente o alimento divino do qual Cristo, o Senhor, disse: “Quem come a sua carne e bebe o seu sangue viverá para sempre” (*Jo* 6,54)<sup>84</sup>. Para eles, tinham pouco valor essas palavras e o próprio sacramento da Eucaristia.

Máximo, o Confessor (579/580- 662), fala que o cristão possui o pão substancial e vivo para o fortalecimento de sua alma e a conservação do bom estado dos bens, concedidos pelo Senhor

---

<sup>80</sup> *Idem*, *Terza lettera a Nestorio*, 6-8.

<sup>81</sup> Cf. *Ibidem*, *Lettera sul credo*, 25-28.

<sup>82</sup> Cf. *Ibidem*, *Lettera a Calosirio*, 5-7.

<sup>83</sup> Cf. TEODORETO DI CIRO, *Storia Ecclesiastica*, IV,11,1. Introduzione, Traduzione e Note a cura di A. GALLICO. Roma: Città Nuova Editrice, 2000.

<sup>84</sup> *Idem*, IV,11,2.

para os seus fiéis, ao dizer aos judeus: “Eu sou o pão descido do céu e que dá a vida ao mundo” (Jo 6,33)<sup>85</sup>. O Senhor oferece-se a si mesmo como pão substancial para todos aqueles e aquelas que acolherem a dignidade de sua mente<sup>86</sup>. Máximo tem presente o pão cotidiano o qual Nosso Senhor solicitou na oração do Pai-nosso, de modo que a vida, que se leva, seja uma preparação à morte, no dia em que o Senhor virá<sup>87</sup>. Dessa forma, a comida seja para a vida e não a vida em função da comida. Ele afirma que o pão material prepara a pessoa à vida espiritual, para assim o fiel viver para Deus<sup>88</sup>.

### Conclusão

Os Padres desse período (pós-niceno) frisaram a Eucaristia como um alimento que prepara o fiel para a vida eterna, a participação do dom da imortalidade com Deus. O Senhor quis ficar junto dos seus discípulos, de suas comunidades, que continuam a anunciar o seu nome pela sua palavra, nos Evangelhos, e através das espécies do pão e do vinho: quem come a sua carne e bebe o seu sangue tem a vida plena. Ainda que a pessoa morra, como todos os seres humanos, ela não morrerá para sempre, mas viverá em uma outra dimensão, em profunda união com o Senhor Deus. Ora, para os Padres da Igreja, a Eucaristia impulsiona o bem para os outros, de modo que ela é vista como missão. Através do dom recebido, o fiel é convidado a testemunhar o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo junto aos outros, na comunidade onde vive, sobretudo aos pobres e necessitados. A aproximação da mesa do altar faz a pessoa amar Cristo e aqueles e aquelas, que estão ao seu redor, em vista da comunhão terrena, para um dia participar da comunhão eterna, da vida de Deus dada aos seus filhos e filhas.

---

<sup>85</sup> MASSIMO IL CONFESSORE, *Umanità e divinità di Cristo*, p. 84. Traduzione, Introduzione e Note a cura di A. C. GASTALDO. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

<sup>86</sup> Cf. *Idem*, p. 85.

<sup>87</sup> Cf. *Ibidem*, p. 96.

<sup>88</sup> Cf. *Ibidem*, p. 87.